

# PROCESSOS NÃO CONCATENATIVOS EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Ana Paula Scher

## Conceitos-chave do capítulo:

- Morfologia concatenativa
- Morfologia não concatenativa
- Formas truncadas
- Blends
- Flexão irregular

No capítulo *Flexão, Derivação e Composição em Morfologia Distribuída*, o termo concatenação indicava a operação que cria um objeto sintático a partir de dois elementos. Tradicionalmente, os modelos de análise morfológica têm dividido os processos morfológicos de formação de palavras nas línguas naturais entre concatenativos e não concatenativos. Os primeiros se caracterizam pela combinação de duas unidades morfológicas para a criação de um novo objeto, enquanto os últimos remetem a operações morfológicas que resultam em palavras novas ou em formas diferentes de palavras já existentes, sem recorrer a combinações de unidades morfológicas. Em (1)a, por exemplo, é possível identificar o prefixo *des-*, que ocorre em outras formas como *desconhecer* ou *des-amarrar*, além da vogal temática *-a-* e do sufixo *-r*, que também estão presentes em *gost-a-r* e *acredit-a-r*. Fica clara, ainda, a presença da raiz *respeit-*, presente no nome *respeit-o* ou no

adjetivo *respeit-os-o*. Essas unidades morfológicas se concatenam de acordo com as regras relevantes do português resultando na forma *desrespeitar*. Por sua vez, em (1)b, a morfologia de passado do inglês não está explícita na forma *ran*, do passado do verbo *run* (*correr*, em inglês), assim como a morfologia regular de plural dessa língua não se realiza de modo evidente na forma *mice*, plural do nome *mouse* (*rato*, em inglês). Assim, as leituras de passado e de plural das formas em (1)b não são facilmente ou sistematicamente atribuídas a partes dessas palavras.

- (1) a. *desrespeitar*  
 b. *ran, mice*

Bye e Svenonious (2012) associam propriedades tais como precedência, contiguidade, aditividade, preservação de morfemas, autonomia segmental e disjunção a processos concatenativos, propondo o que chamam de *Ideal Concatenativo*. Entre os processos que se conformam a essa proposta, encontram-se os casos de afixação em (2), em que um ou mais afixos são adicionados ao radical, os casos de composição em (3), em que duas ou mais palavras, raízes ou radicais são combinados, além dos dados em (4), em que ocorre incorporação ao verbo de um de seus argumentos, formando com ele uma palavra complexa.

- (2) a. *sofr-i-ment-o, pedr-eir-o, harmoni-os-o*;  
 b. *in-feliz, re-uso, des-contente*;  
 c. *in-defer-i-ment-o, des-conhec-i-d-o*;

- (3) a. *diàn-zǐ* (raiz presa + raiz presa) (Chinês)  
 eletricidade-partícula  
*élétron*  
 b. *sword fish* (palavra + palavra) (Inglês)

espada-peixe  
peixe espada

(NÓBREGA, 2014, p. 23)

- (4) a. I kanga-la wini-o. (Ponapean<sup>84</sup>)  
Eu comer-*aspecto completivo* remédio-aquele  
'Eu tomei todo aquele remédio.'
- b. I keng-winih-la.  
Eu comer-remédio-*aspecto completivo*  
'Eu completei minha 'ingestão de remédio.'

(MITHUN, 1984, p. 850)

Processos de formação de palavras que não exibem as propriedades descritas no *Ideal Concatenativo* são tomados como violações dos princípios dessa proposta, caracterizando-se como não concatenativos. Alguns exemplos desse tipo de morfologia podem ser observados nos processos descritos e exemplificados em (5) ou em (6), em que se observam modificações internas às raízes:

- (5) a. Interfixação: afixo entre radicais<sup>85</sup>  
*Geburt-s-tag* (Alemão)  
nascimento-EL<sup>86</sup>-dia  
*aniversário*
- b. Infixação: afixo divide a raiz  
*h-um-irap* (*hirap* = dificuldade; *um* (infixo)). (Tagalogue)

84 Língua micronésia falada principalmente na ilha de Pohnpei e nas Ilhas Carolinas.

85 O interfixo, também denominado elemento de ligação, é o segmento sempre átono e vazio de significado próprio, entre radicais em compostos ou entre um radical e o sufixo de certos derivados (MALKIEL, 1958, p. 107).

86 EL = elemento de ligação.

*dificultar*

- c. Circunfixação: afixo descontínuo envolve a raiz  
*ge-frag-t* (Alemão)  
 participípio de *fragen* (*perguntar*)
- d. Transfixação: afixo descontínuo se insere na raiz.  
*katab* (*escrever*) (Hebraico)  
 raiz: *k-t-b*, padrão vocálico (afixo descontínuo): *a-a*

(6) Modificações internas à raiz:

- a. Vocálicas: modificação de segmentos vocálicos internos à raiz.  
 umlaut: *Mutter* *Mütter* (Alemão)  
           mãe          mães
- b. Consonantais: modificação de segmentos consonantais internos à raiz.  
 [f] – [v]: *belief* *believe* (Inglês)  
             crença          acreditar
- c. Mistas: modificação de segmentos vocálicos e consonantais internos à raiz.  
             *catch* *caught* (Inglês)  
             pegar          pegou
- d. Totais (supleção): modificação total da raiz.  
             *go* *went* (Inglês)  
             ir          foi
- e. Haplologia: supressão de uma sequência de segmentos para evitar o encontro malsoante de duas sílabas idênticas ou muito semelhantes.  
             *bond-os-o* *\*bondad-os-o;*  
             *tragi-cômico* *\*tragico-cômico*

Em uma última categoria, não discutida em Bye e Svenonious

(2012), estão outros casos de formações tomadas como resultantes de processos que também não satisfazem o Ideal Concatenativo. Trata-se de processos não concatenativos, em que há ausência de afixação morfológica ou segmental, tais como a reduplicação, a conversão, a derivação regressiva, o truncamento ou o *blend*<sup>87</sup>, exemplificados em (7)a-e.

- (7) a. Reduplicação: repetição da raiz inteira ou de parte dela.  
*anak*                      *anak-anak*                      (Malaio)<sup>88</sup>  
 criança                      criança-criança  
*criança*                      *várias crianças*
- b. Conversão: processo de estatuto pouco claro (há modificações de função, não de forma).  
*a house*                      *to house*                      (Inglês)  
 Det casa                      infinitivo casa  
*Uma casa*                      *abrigar*
- c. Derivação regressiva: apagamento de um sufixo ou do que se supõe ser um sufixo.  
*abortar*                      *aborto*
- d. Truncamento: encurtamento de uma forma já existente.  
*reacionário*                      *reaça*
- e. *Blend*: combinação de partes de palavras distintas para formar uma nova palavra.  
*namorado+marido*                      *namorido*

No recorte específico deste capítulo sobre processos não concatenativos e a Morfologia Distribuída, veremos como esse modelo pode explicar a derivação de formas nominais truncadas, como *vestiba* ou *reaça*, além de *blends*, como *namorido* e

87 A literatura atribui ao fenômeno do *blend* outras denominações, tais como amálgama, amálgama lexical, cruzamento morfológico, cruzamento ou interseção supressiva, cruzamento vocabular, fusão vocabular, mesclagem, mistura, palavra cruzada, palavra-valise ou *portmanteaux*.

88 Dado retirado de Katamba (1993, p. 181).

*apertamento* em português brasileiro. A hipótese é que essas formas não envolvem um mecanismo que apaga segmentos de uma palavra já formada, como já sugerido por modelos lexicalistas. Além disso, será útil retomar os casos de modificação de segmentos vocálicos internos à raiz, observados nas formas *run – ran* e *mouse – mice* do inglês e apresentar uma sugestão do modelo para elas também.

## 1. Formas nominais truncadas

As formas nominais truncadas (FNTs, daqui em diante) despertam o interesse de morfólogos e sintaticistas que trabalham com diversas línguas naturais<sup>89</sup>, sob diferentes perspectivas. Alguns exemplos do português brasileiro aparecem em (8):

(8) a.	psico	psicologia	odonto	odontologia
b.	deprê	depressão/deprimido	preju	prejuízo
c.	furt-a	fortuna	neur-a	neurose
d.	berm-as	bermuda	bob-(i)s	bobeira

Em sua investigação sobre o tema, dentro do modelo da Morfologia Distribuída, Scher (2018, 2016) e trabalhos anteriores da mesma autora discutem casos como aqueles em (8)c,d, que nos interessarão mais de perto neste capítulo. As FNTs em (8)c são muito comuns no português brasileiro. Nelas, a raiz ou da forma plena (não truncada), ou parte dela, é preservada na FNT e o último segmento dessa raiz é uma consoante. Nesses casos, observa-se a presença da vogal *-a* imediatamente após a raiz preservada. Elas se

assemelham muito às FNTs em (8)d, que também abordaremos

<sup>89</sup> No português brasileiro, destacam-se os trabalhos de Araújo (2002), Vilela et alli (2006), Martini (2010), além de Belchor (2009), Gonçalves (2006a, 2009, 2011a) e Gonçalves e Vazquez (2004), além da pesquisa que Scher (2016, 2018) vem fazendo sobre o tema dentro do modelo da Morfologia Distribuída.

aqui. A diferença entre elas é que, no tipo em (8)d, não há inserção de uma vogal apenas, mas de uma sequência de segmentos, *-as* ou *-is*, imediatamente após a raiz.

Os tipos de FNTs que destacamos aqui têm em comum a leitura associada a elas, nomeadamente, a leitura apreciativa, revelando uma certa relação de afinidade entre o falante e a denotação do termo truncado usado por ele. Assim, por exemplo, a forma *parça* expressa uma informalidade que não está presente na forma *parceiro*. Uma boa análise para esses fatos precisará associar esse tipo de leitura à estrutura morfológica das FNTs. O ponto de partida para essa análise é a observação e comparação entre os Quadros 1 e 2, que permitirá sugerir uma organização morfológica para as FNTs. O Quadro 1 apresenta uma sugestão para a organização morfológica de algumas formas nominais plenas:

Quadro 1 – Organização morfológica de formas nominais plenas.

<b>Raiz</b>	<b>Sufixo derivacional</b>	<b>Sufixo derivacional</b>	<b>VTN (vogal temática nominal)</b>	<b>Forma resultante: Forma nominal plena (FNP)</b>
neur-	-os-	-	-e	neurose
secret	-ari-	-	-a	secretaria
reaç-	-ion-	-ari	-o	reacionário
portug-	-ês	-	--	português
parc-	-eir-	-	-o	parceiro
comun-	-ist	-	-a	comunista

Fonte: elaboração própria.

Por sua vez, o Quadro 2 sugere uma organização para as FNTs, que toma por base a proposta de organização das formas nominais plenas correspondentes a elas (Quadro 1).



Quadro 2 – Organização morfológica de FNTs.

<b>Raiz</b>	<b>Sufixo derivacional</b>	<b>Sufixo derivacional</b>	<b>VTN (vogal temática nominal)</b>	<b>Forma resultante: Forma nominal truncada (FNT)</b>
neur-	-	-	-a	neura
secret-	-	-	-a	secreta
reaç-	-	-	-a	reaça
portug-	-	-	-a	portuga
parç-	-	-	-a	parça
comun -	-	-	-a	comuna

Fonte: elaboração própria.

Os quadros acima exibem dados que apresentam uma possibilidade interessante de segmentação morfológica, já que, propositadamente, os exemplos que neles aparecem podem ser caracterizados como morfológicamente complexos, por serem constituídos de unidades morfológicas reconhecidas no português. A proposta de análise que apresentaremos mais adiante, neste capítulo, assume a organização descrita acima mesmo para os casos em que a sequência de segmentos que não aparece na FNT não seja reconhecida como unidade morfológica na forma plena correspondente a essa FNT. O modelo da Morfologia Distribuída, de modo geral, nos permitirá explicar dados desse tipo usando recursos de processos concatenativos de formação de palavras.

A perda de material fonológico observada nas FNTs do português já levou à sugestão de que a sua formação resulta de processos assistemáticos que se aplicam à língua ou de que as palavras-fonte, nesses casos, estão sujeitas a processos prosódicos ou morfoprosódicos que atuam para determinar quais partes dessas palavras deverão ser descartadas para que se obtenha uma FNT como resultado (BELCHOR, 2009; GONÇALVES, 2011a, entre outros).

A Morfologia Distribuída, por sua vez, permite analisar



essas FNTs como derivações independentes das derivações das formas plenas que lhes são correspondentes. Em outras palavras, esse modelo permite dizer que termos como (9)a-j são outras palavras, se comparados àquelas que lhes correspondem, de (9)a'-j'. Ainda assim, por derivarem da mesma raiz, mantêm, entre si, uma relação de correspondência.

(9)	a. cerva	a'. cerveja	b. palha	b'. palhaço
	c. pija	c'. pijama	d. sarja	d'. sargento
	e. secreta	e'. secretária	f. vestiba	f'. vestibular
	g. bermas	g'. bermuda	h. brinqu(i)s	h'. brincadeira
	i. saudas	i'. saudade	j. vont(i)s	j'. vontade

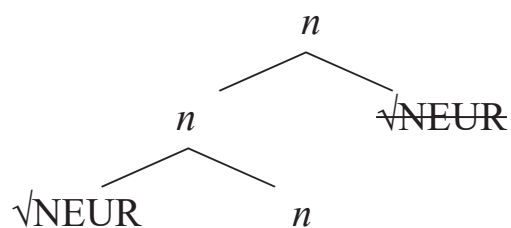
Esses dados foram analisados em Scher (2018, 2016), dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída e a ideia básica é a seguinte: uma forma truncada como *neura* resulta de um processo sintático que começa pela categorização da raiz  $\sqrt{\text{NEUR}}$  e sua concatenação com um núcleo avaliativo na estrutura sintática. Em seguida, a operação morfológica de inserção de morfemas dissociados, que vimos no capítulo *Operações morfológicas*, insere um sufixo temático na derivação para atender a um requisito idiossincrático de boa formação de palavras do português, como sugere Alcântara (2010)<sup>90</sup>. Na sequência, ocorre o mecanismo de inserção de vocabulário, como proposto pelo modelo.

As representações em (10) e (11) ilustram a ideia brevemente descrita acima. Em (10)a,b, têm-se as estruturas sintática e morfológica para a forma plena *neurose* e, em (11)a,b, as estruturas sintática e morfológica para a FNT *neura*. Na derivação sintática de *neurose*, em (10)a, um categorizador *n* categoriza a raiz. Ainda na sintaxe, a raiz se move para se adjuar ao núcleo desse categorizador. A representação em

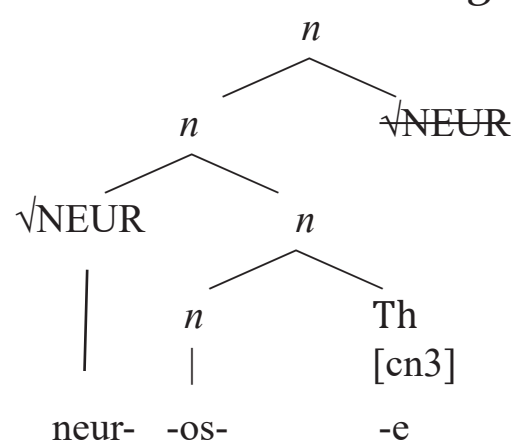
<sup>90</sup> De acordo com essa proposta, estão na raiz as informações sobre os traços de classe que determinam qual, entre os sufixos temáticos, deverá satisfazer esse requisito.

(10)b exibe a inserção de um núcleo temático (Th), marcado com o traço [cn1], [cn2] ou [cn3]<sup>91</sup>, para satisfazer um requisito de boa formação de palavras específico do português. Sem a realização de qualquer outra operação, a derivação dessa forma plena está concluída e, portanto, a inserção de vocabulário pode acontecer, como em (10)b.

(10) a. Estrutura sintática



b. Estrutura morfológica



A derivação das FNTs se dá de modo paralelo, conforme se vê em (11). No entanto, FNTs envolvem a presença, na sintaxe, de um núcleo avaliativo EVAL, com um traço [eval], que se adjunge a *n*. EVAL não categoriza a raiz: essa tarefa continua sendo de *n*. No entanto, por nuclear uma categoria avaliativa e por ser introduzida na derivação ainda na sintaxe, ele acrescenta à derivação a leitura apreciativa (ou avaliativa) presente nas FNTs.

91 O traço [cn] indica a classe não verbal a que pertence o termo derivado.



Vocabulário *-os-*, em (13)a (uma das várias alternativas para a realização de categorizadores nominais em português), é adequado para inserção em (10)b. De acordo como o Princípio do Subconjunto, no entanto, esse mesmo Item de Vocabulário não pode ser inserido na estrutura da FNT *neura*, em (11)b, por conter a especificação para um traço [n] que não está mais disponível no morfema abstrato *n*. Na realidade, o princípio do subconjunto impedirá a inserção de qualquer Item de Vocabulário nesse nó terminal, que já não constitui um conjunto de traços morfossintáticos. O nó terminal correspondente à categoria EVAL, por sua vez, será preenchido por um Item de Vocabulário fonologicamente nulo, como em (13)b, e os nós terminais para os sufixos temáticos (Th) são preenchidos pelos itens de vocabulário em (13)c,d,e, conforme os nomes formados pertençam às classes 1, 2 ou 3 de formas não verbais do português brasileiro (ALCÂNTARA, 2010).

- (13) a. /-os-/ ↔ [n]  
 b. ∅ ↔ [eval]  
 c. /-o/ ↔ [cn 1]  
 d. /-a/ ↔ [cn 2]  
 e. /-e/ ↔ [cn 3]

Essa análise destaca as propriedades morfológicas dessas FNTs identificadas do português brasileiro, caracterizando como concatenativo o processo de formação dessas palavras, exatamente como o que resulta em suas formas plenas correspondentes. Trata-se de uma proposta que se conforma à intuição inicial de que o que falta à FNT, quando ela é comparada à sua forma plena correspondente, são unidades morfológicas. Sem recorrer a regras de apagamento de material fonológico, a análise apresentada aqui dá conta da leitura apreciativa identificada nessas formas por meio da proposta de uma categoria EVAL na estrutura sintática e de uma

operação de empobrecimento de traços na estrutura morfológica.

## 2. Blends

A literatura linguística, de modo geral, descreve os *blends* como termos resultantes de um processo de combinação entre duas palavras<sup>92</sup>. Minussi e Nóbrega (2014) apontam que os aspectos fonológicos desse tipo de dados estão entre os mais explorados pela literatura relevante. Carvalho (2008), por exemplo, destaca que a supressão de segmentos das palavras-fonte para a formação de *blends* pode ocorrer de formas distintas (14).

- |                 |                               |
|-----------------|-------------------------------|
| (14) a. cantriz | cant- <del>ora</del> + a-triz |
| b. novelha      | nov- <del>ela</del> + velha   |
| c. showmício    | show + <del>eo</del> -mício   |

Ou seja, a supressão de segmentos das bases pode se dar nas duas palavras-fonte ao mesmo tempo, ou em apenas uma delas, no começo ou no fim. Outros autores ressaltam o fato de que os *blends* se formam a partir de palavras-fonte com semelhança fônica, como em (15)a,b e, também, a partir de palavras-fonte sem semelhança fônica, como em (15)c,d (SANDMANN, 1996; PEREIRA, 2013):

- |                    |                     |
|--------------------|---------------------|
| (15) a. analfabuto | analfabeto + bruto  |
| b. tristemunho     | triste + testemunho |
| c. showmício       | show + comício      |
| d. janecrete       | Jane+ chacrete      |

Em Sandmann (1990, p. 58, 1991, p. 76), o autor já havia apontado para a relevância dos aspectos fonológicos da formação

<sup>92</sup> Conferir, também, os trabalhos de Basílio (2005, 2010), Gonçalves (2003, 2004, 2006b, 2011b), Gonçalves e Almeida (2007), sobre *blends* no português brasileiro.

de *blends*, bem como para as semelhanças entre esse processo e o de formação de compostos. Nóbrega e Minussi (2015) e Minussi e Nóbrega (2014), por sua vez, lançando mão de outros recursos da Morfologia Distribuída, também reconhecem a importância das propriedades fonológicas dos *blends*, mas ressaltam suas propriedades morfossintáticas e semânticas e propõem uma via de análise que identifica os fatores semânticos envolvidos no fenômeno como determinantes para a fonologia que vai representá-lo em cada caso. Finalmente, Marangoni Jr. (2021) aponta que o rompimento da sucessão linear entre as palavras-fonte do *blend* decorre da perda de material fonológico ou da sobreposição fonológica entre elas. Para o autor, essas características dos *blends* desafiam uma visão da morfologia enquanto algo essencialmente concatenativo e que se revela por meio da adição bem-comportada de peças morfológicas.

Nóbrega e Minussi (2015) e Minussi e Nóbrega (2014) procuram explicar três tipos de *blends* atestados no português brasileiro: *blends* fonológicos, em (16)a (um ou mais segmentos fonológicos idênticos são sobrepostos), *blends* morfológicos, em (16)b (sem sobreposição de segmentos, e ambas as palavras-fonte são truncadas) e *blends* semânticos, em (16)c, (reanálise semântica de um conjunto de segmentos fonológicos de uma das palavras-fonte).

- |                    |                  |
|--------------------|------------------|
| (16) a. roubodízio | roubo + rodízio  |
| b. cariúcho        | carioca + gaúcho |
| c. boadrasta       | boa + madrasta   |

Os autores inovam ao explicitar o papel da Lista 3 dentro do modelo da Morfologia Distribuída e assumem que traços enciclopédicos interferem no preenchimento fonológico dos nós terminais gerados pela sintaxe:

(...) o *input* para os casos de uma clara interface sintaxe-



pragmática, especificamente no que compete a questões estilísticas, é resultado de um *input* enciclopédico no componente morfológico da Gramática, o qual desencadeia a sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos dos IVs inseridos nos nós terminais, tal como ocorre nos *blends* fonológicos e morfológicos, ou a troca de um Item de Vocabulário por outro, tal como ocorre nos *blends* semânticos. Com isso, uma vez que o *input* é de ordem semântico-enciclopédica, a sobreposição de segmentos fonológicos será vista como epifenomenal e não como um ponto de partida para a formação dos *blends*. (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 163)

Por essa análise, os *blends* fonológicos e semânticos se formam a partir de duas raízes categorizadas, em configuração de sintagma. *Blends* morfológicos, por sua vez, se formam a partir de uma única raiz: seu segundo constituinte funciona como um sufixo e sua estrutura interna é como a de uma palavra derivada, em que há uma raiz e um afixo (Quadro 3).

Quadro 3 – Configuração sintática da derivação dos tipos de *blends*.

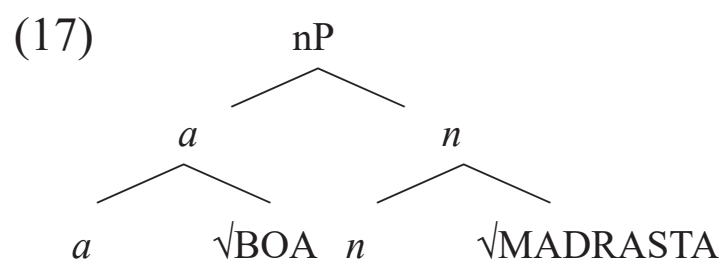
<i>Blends</i> fonológicos	<i>Blends</i> morfológicos	<i>Blends</i> semânticos
- sintagmas comuns ex. <i>cartomante + mente</i>	- formados como palavras derivadas ex. √choco-tone	- sintagmas comuns ex. boadrasta < boa+madrasta

Fonte: Minussi e Nóbrega (2014, p. 176)

Assim como na derivação das FNTs, descritas na seção anterior, depois que a sintaxe organizou a estrutura do *blend*, ela é enviada às interfaces PF e LF. Em LF, ela será interpretada e, em PF, ocorrerá a inserção de itens de vocabulário. A partir desse ponto da derivação, a Lista 3 acessa o componente morfológico, desencadeando o *input* para a formação do *blend* – o apagamento de material fonológico é licenciado e o efeito estilístico relevante é criado. Essa análise



se aplica muito bem aos *blends* fonológicos e morfológicos, mas a análise dos *blends* semânticos requer passos adicionais, como sugere a derivação de *boadrasta*. No componente sintático, *merge* concatena o adjetivo e o nome, formando o sintagma *boa madrasta*. Após a inserção de vocabulário, ocorre uma checagem de traços enciclopédicos como em (18):



(MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 177)

(18)	/boua/	/ma.dras.ta/
	[- Dinamic, + escalar [+com, -abst, +an] ([ ])	[coisa [+com,-abst,+an] ([ ])]
	<qualidade>	<mulher do meu pai>
	<virtude>	<não é a mãe biológica >
	<retidão>	<mulher ruim>
		<incapaz de expressar afeto>
		<não é protetora>
		<...>

(MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 178)

Embora não sejam traços formais, os traços enciclopédicos (da terceira linha em diante), que variam entre os falantes, precisam ser considerados na interface conceitual, por sua relevância para a interpretação das raízes. São esses traços que permitem que a Lista 3 desencadeie uma análise enciclopédica capaz de promover efeitos estilísticos na sequência linearizada. Em *boadrasta*, por exemplo,

o acesso enciclopédico ao componente morfológico permite a reanálise da sílaba /ma/ como uma sequência independente, em analogia à raiz √MA, que exhibe traços como <defeito>, <incorreto>, <não virtude>. Essa sequência é apagada e o material restante é fundido com os segmentos da raiz √BOA, que exhibe traços opostos, e já havia sido inserida na derivação do sintagma.

(19) /boua/	/ma/	(ma)/dras.ta/
<qualidade>	<defeito>	<mulher do meu pai>
<virtude>	<não virtude>	<não é a mãe biológica>
<retidão>	<incorreto>	<de índole má>
		<incapaz de expressar afeto>
		<não protetora>
		<...>

/boua/ **(ma)** /dras.ta/  
 [Coisa[+com,-abst,+an]([ )]]  
 <mulher do meu pai>  
 <não é a mãe biológica>  
 <qualidade>  
 <virtude>  
 <retidão>  
 <incapaz de expressar afeto>  
 <não protetora>  
 <...>

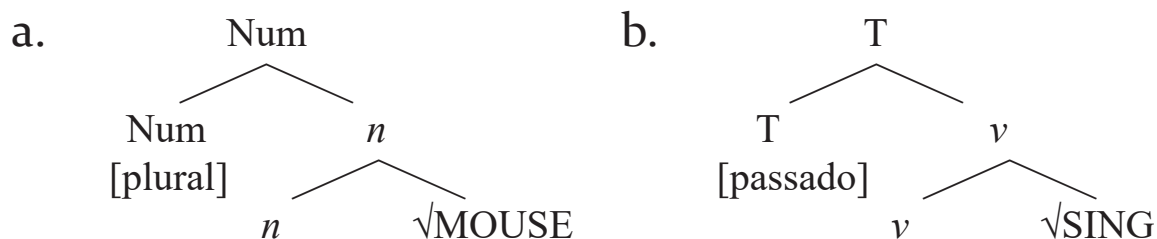
(MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 179)

A análise de Minussi e Nóbrega (2014) constitui um passo importante do desenvolvimento do modelo da Morfologia Distribuída, na medida em que realça a sua possibilidade de lidar com processos não concatenativos, prevendo, para a arquitetura da Gramática, um *input* semântico-enciclopédico, além do *input* essencialmente fonológico.

### 3. Modificação de segmentos vocálicos internos à raiz

Os exemplos de morfologia de passado (*ran* – passado do verbo *run*) e de número (*mice* – plural do nome *mouse*) em inglês, apresentados em (1)b exibem modificações de segmentos vocálicos internos às raízes relevantes. Dados como esses, de modo geral, recebem da literatura especializada uma análise em termos de regras de reajuste, que alteram *mouse* para *mice*, *foot*, para *feet*, entre outros, quando dominados por uma morfologia de plural na estrutura sintática (20)a, assim como alteram *run* para *ran*, *ring* para *rang*, entre outros, sempre que traços de passado dominarem esses elementos na estrutura sintática (20)b.

(20)



Nesse sentido, Siddiqi (2009, p. 26) aponta que essas regras de reajustes não são regras fonológicas gerais de Gramática, mas são regras idiossincráticas que podem ter como alvo apenas um Item de Vocabulário, ou uma classe de itens de vocabulário. Assim,

determinada regra de reajuste se aplicaria a verbos como *run*, resultando em *ran*, enquanto uma regra diferente se aplicaria a *drive*, *ride* ou *dive*, resultando em *drove*, *rode* e *dove*, respectivamente. No entanto, a possibilidade de se aplicar idiossincriticamente a um determinado Item de Vocabulário, ou mesmo a classes de itens de vocabulário, revela o caráter mais particular das operações ou regras de reajuste, em contraste com o que ocorre com regras ou operações sintáticas e morfológicas, como vimos no Capítulo *Operações morfológicas*.

Por esse motivo, em casos como *mouse/mice* e *run/ran*, o autor abre mão da ideia de reajuste fonológico e trata a modificação dos segmentos fonéticos da raiz como casos de alomorfia ou supleção de raiz, como em (21)a e (21)b, respectivamente. Nesse sentido, ele apresenta uma análise para esses casos em termos do modelo da Morfologia Distribuída.

- (21) a. eat/ate;            sleep/slept;            receive/reception  
       b. go/went;            bad/worse;            person/people.

Siddiqi trata os dados de plural irregular de nomes e de passado irregular de verbos do inglês em termos de raízes alomórficas que têm a sua realização muito bem definida pelo contexto sintático em que ocorrem. As operações sintáticas resultam em estruturas como (20)a,b e, se estivéssemos tratando de casos de flexão regular, a morfologia para o plural de *mouse* se realizaria como /-s/, enquanto a morfologia para o passado de *run* se realizaria como /-ed/. Como esse não é o caso, o autor sugere uma análise alternativa, sustentada pelos seguintes pressupostos: i) raízes não têm fonologia na Lista 1, como vimos ser possível no capítulo *Lista 1: traços morfossintáticos e raízes*; ii) a ocorrência dos itens de vocabulário que realizam as raízes é condicionada pela presença ou ausência dos traços morfossintáticos de plural ou de

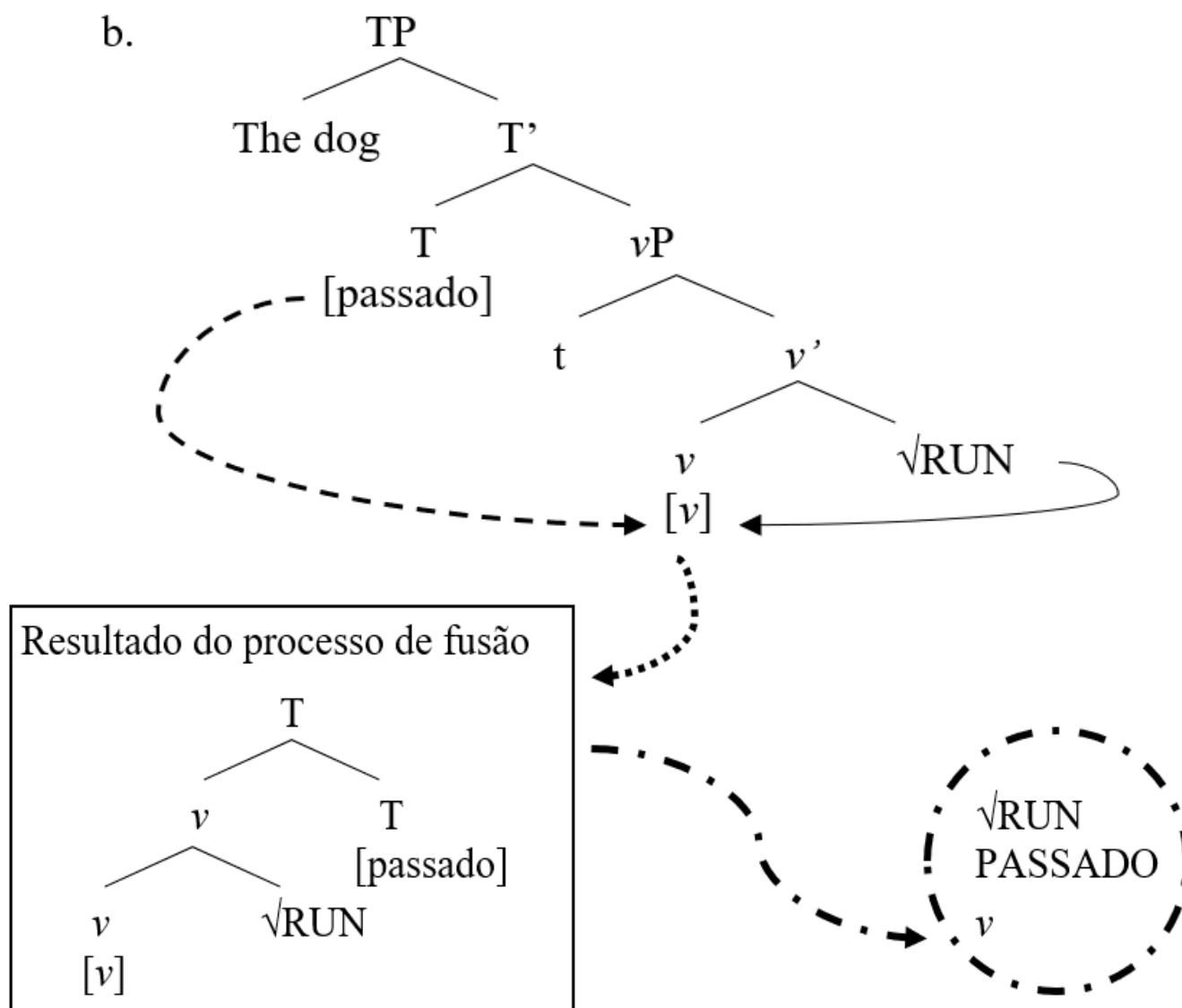
passado nos nós terminais relevantes, como mostraremos adiante.

Assim, considerando-se o caso da forma *ran* correspondente ao passado de *run*, por exemplo, de acordo com a proposta de Siddiqi (2009), uma operação de fusão se aplica ao núcleo de tempo e ao verbo (BOBALJIK, 1994). Assim, o núcleo resultante, depois da fusão, contém uma raiz, um elemento funcional e um traço de tempo, como em (22)b, que representa a sentença *The dog ran*, do inglês:

(22)

a. The dog ran.

b.



(Adaptado de SIDDIQI, 2009, p. 34)

Assim, o nó terminal, alvo de inserção, passa a ter as especificações [ $\sqrt{\text{RUN}}$ , PASSADO,  $v$ ] e um dos Itens de Vocabulário previstos para fornecer fonologia para as formas do verbo *run* descritos em (23) será o mais adequado para inserção nesse contexto:

- (23) a. /ræn/  $\leftrightarrow$  [ $\sqrt{\text{RUN}}$ , PASSADO,  $v$ ]  
 b. /rʌn/  $\leftrightarrow$  [ $\sqrt{\text{RUN}}$ ]

(Adaptado de SIDDIQI, 2009, p. 35)

Para a análise da forma *mice* como plural de *mouse*, o autor assume que operações semelhantes se aplicarão aos núcleos da estrutura em (20)a, derivando um núcleo complexo com as seguintes especificações: [ $\sqrt{\text{MOUSE}}$ , PLURAL,  $n$ ]. A competição, nesse caso, se estabelece entre os IVs em (24) e o vencedor será (24)a:

- (24) a. /majz/  $\leftrightarrow$  [ $\sqrt{\text{MOUSE}}$ , PLURAL,  $n$ ]  
 b. /maws/  $\leftrightarrow$  [ $\sqrt{\text{MOUSE}}$ ,  $n$ ]

(Adaptado de SIDDIQI, 2009, p. 37)

## RESUMINDO

Neste capítulo, discutimos processos morfológicos não concatenativos e os tratamentos que lhes podem ser oferecidos dentro do modelo da Morfologia Distribuída. Retomamos algumas características descritas na literatura para os processos de formação de palavras que os classificam como concatenativos e como não concatenativos e ilustramos três fenômenos comumente tratados como resultantes de processos não concatenativos: a derivação de formas nominais truncadas e de *blends*, além casos de modificações

de segmentos vocálicos da raiz, observados em formas irregulares de plural de nomes e de passado de verbos do inglês. Paralelamente, apresentamos soluções baseadas nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída que permitem tratar esses fenômenos como processos concatenativos de formação de palavras, contribuindo, assim, para a manutenção da uniformidade dos processos morfossintáticos dentro do sistema linguístico.

## PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre a distinção entre processos concatenativos e não concatenativos, será interessante ler *Non-concatenative derivation: other processes*, publicado por Stuart Davis e Natsuko Tsujimura em 2014. A leitura de *The phonology of morpheme realization*, de Kazutaka Kuriso, datado de 2001, bem como a de *A prosodic theory of nonconcatenative Morphology*, de John McCarthy, publicado em 1981, poderão ampliar os conhecimentos do leitor sobre morfologia não concatenativa, apresentando-lhe um tratamento para fenômenos dessa natureza em termos de uma teoria prosódica. *Patterns of truncation*, de 1990, escrito por Armin Mester, aborda o fenômeno de truncamento, que também poderá ser mais bem compreendido com as leituras de *Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições*, de 2011, entre outros textos de Carlos Alexandre Gonçalves, e, também, de *A study of truncated nominal forms in Brazilian Portuguese: their derivation and their relation to non-verbal form classes*, de 2016, entre outros textos de Ana Paula Scher sobre o mesmo tema, abordado sob a ótica da Morfologia Distribuída. Com o texto *Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends*, escrito em 1996, por Outi Bat-El, será possível saber mais



sobre o viés fonológico para a análise de *blends*. A autora analisa dados do hebraico, assim como faz Mike Pham em seu texto de 2011, intitulado *Idiomatic root merge in modern Hebrew blends*, que apresenta uma análise para o fenômeno em termos da Morfologia Distribuída. Há uma série de trabalhos que investigam os dados de *blends* em português brasileiro. Entre eles, o leitor poderá consultar os trabalhos de Carlos Alexandre Gonçalves, tais como *Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência*, de 2003, além do trabalho intitulado *Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro*, de 2020, de autoria de Rafael Minussi e Alina Villalva. Sob o viés da Morfologia Distribuída, será bom fazer as leituras dos trabalhos de Vitor Nóbrega e Rafael Minussi, de 2014 e 2015, *A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da enciclopédia na arquitetura da gramática* e *O tratamento da morfologia não-concatenativa pela Morfologia Distribuída: o caso dos blends fonológicos*, respectivamente, bem como a leitura de *A interface sintaxe-fonologia no caso dos blends*, de 2018, e de *A blenditividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*, de 2021, ambos de autoria de César Elídio Marangoni Junior.

## EXERCÍCIOS

**Exercício 1.** A derivação das formas nominais truncadas vista neste capítulo envolve uma operação de empobrecimento de traços. Nesse caso, o núcleo da categoria *n* fica destituído do traço [n] na estrutura morfológica, impedindo, portanto, a inserção de itens de vocabulário que contenham esse traço em suas especificações. O que precisaria ser dito para explicar o fato de que nenhum outro Item de Vocabulário (mesmo aqueles que não contêm o traço [n])



